

61. Fugir para a cama dos pais

As atitudes dos pais perante o medo das trevas têm grande influência no desenvolvimento do carácter nas crianças.

Alguns pais — e aqui quer-se mesmo dizer o progenitor macho — com o louvável objectivo de fortalecer o carácter dos filhos, tomam atitudes rigorosas e ignoram os seus pedidos de auxílio quando, pela primeira vez, o que acontece entre os 2 e os 4 anos, são confrontados com o medo da noite.

Vale a pena recordar o que se passa nos povos ditos primitivos e, certamente, aconteceu também com os povos arcaicos. Isto, porque sob certos aspectos aquelas culturas são muito mais cultivadas e humanas que a cultura da sociedade industrial contemporânea.

Provam-no, entre outras, as investigações de Margaret Mead na Polinésia, onde devido às atitudes tradicionais para com as crianças, muitos dos traços neuróticos das nossas crianças, adolescentes e até adultos, simplesmente, não existem.

Nos povos caçadores nómadas, as crianças até poderem marchar eficazmente são transportadas ao colo das mães, do lado esquerdo de modo a melhor ouvirem o tique-taque do coração que já ouviam no útero e os acalma e mamam de dia e de noite, pois de noite dormem enroscados na mãe.

Por outro lado, nos povos sedentários, as mulheres parem numa cabana ajudadas pela feiticeira, pela mãe ou pela sogra e ficam durante semanas fechadas e sós com o filho. Este contacto ininterrupto, pele com pele, prossegue depois de noite tal como com os nómadas.

Hoje, entre nós, as crianças têm os seus quartos para onde são transferidos a partir dos quatro-seis meses de idade. No quarto há um *poster* com os Direitos da Criança, quando, como lembrou Laborinho Lúcio, era no quarto dos pais que deveria estar pendurado. No quarto há, também, uma mobília propositadamente adquirida. No quarto há, ainda, por vezes, um microfone que permite que os pais, ao longe, oiçam os ruídos que a criança faz — um contacto, sim, mas longínquo.

Tudo isto são justificações económico-tecnológicas para que a criança não durma noutro quarto senão no seu. Há que retirar o rendimento do capital investido.

Finalmente, e é este o maior obstáculo, os pais têm para com a própria cama preconceitos sexuais, inconscientes por vezes, mas mesmo assim, activos.

Recordam que nas suas camas se passaram cenas que consideram atentatórias da natural pureza dos filhos, esquecendo que foi durante uma dessas cenas — em princípio um gesto de amor e de procriação — que a criança, cuja presença no local proibem, foi concebida. Mais prosaicamente, consideram também que a proximidade dos seus bafos, corpos eventualmente suados ou secreções genitais é anti-higiénica.

Por tudo isso, proibem a presença da criança na sua cama.

Verdade seja, que o medo da noite, em alguns casos menos graves, pode ser controlado com medidas simples: a porta do quarto aberta, uma lâmpada fraca que ilumina as trevas, uma presença humana — um irmão — ou, até, apenas a presença de um ser vivo — a de um animal caseiro, muito útil desde que a criança não seja alérgica ao seu pêlo.

Mas, nem sempre isso resulta e, então, apavorada a criança procura refugiar-se na cama dos pais onde se apresenta, a meio da noite com a almofada debaixo do braço. E quais serão os sentimentos de uma criança que nessas circunstâncias desesperadamente procura auxílio dos entes que mais ama e até aí e em todos os momentos a protegeram incondicionalmente ao ver-se repetidamente escorraçada da fortaleza inexpugnável onde os pais estão entricheirados e onde sabe que ficaria a salvo de todos os espectros que a perseguem. Ao pânico associar-se-ão o desgosto, a incompreensão, a dúvida.

Só por curiosidade, vale a pena relatar os extremos absurdos a que podem chegar os puericultores.

Muito recentemente a revista «Pais»* publicou uma carta bem sintomática e da qual transcrevemos os períodos mais significativos:

«... [Sou pai de uma criança de três anos] ... [A minha filha] ... [só gostava de dormir na nossa cama] ... [começámos a ficar desesperados] ... [comprámos alguns livros sobre bebés e crianças. A sugestão dada por um especialista americano a pais com este tipo de problemas foi a seguinte:

Coloque a criança na cama dela e leia-lhe uma história ou brinque com ela. Quando sair do quarto e ela berrar; deixe! durante 3-5 minutos. (!) Depois volte ao quarto e pegue nela durante 1-2 minutos. Meta-a novamente na cama e deixe-a chorar; agora durante cerca de 10 minutos. (!) Depois continue a fazer a mesma coisa; pegue-lhe ao colo por 1-2 minutos para que ela não se sinta abandonada. Mas não dê colo por mais tempo, senão também criará um novo hábito. Repita a operação até que a criança adormeça. (!)

Eventualmente, ela vai perceber que não vai para a cama dos pais. Poderá chorar 1-2 horas (!), mas depois vai perceber que não resulta. Se fizer este tratamento durante uma semana, o seu problema está resolvido. (!) ...»

(Os pontos de exclamação são nossos e espero que vossos, também.) Dir-se-ia uma receita de culinária do Presidente Bokassa.

Estes «especialistas» não percebem que cada um procura a paz entre os braços de um amigo; que dormir na cama dos pais não tem nada de especialmente anti-higiénico; que não aumenta os riscos de infecções ou de esmagamento; que, salvo raríssimas exceções, pouco tempo depois a criança passa a sentir-se incomodada e, segura pelo período que passou na cama dos pais, decide regressar à sua própria cama; que se se sentir repudiada ficará com um ânimo mais débil; que se se sentir amada em todos os momentos crescerá mais confiante, mais segura, mais forte.

A regra espartana não vai produzir almas de guerra, mas almas de hilota ou de eunuco.

* N.º 31, Maio, 1993.

Isto no que diz respeito à criança. E quanto aos pais?

Para desdramatizar a situação digo muitas vezes: «proveitem agora a felicidade de sentirem um filho a dormir convosco porque qualquer dia ele (ou ela) estão mas é a meter-se na cama de outra (ou de outro) e depois nunca mais o (ou a) vêem».

E finalmente, recomendo a leitura de um dos trechos mais poéticos da literatura portuguesa contemporânea, um trecho de antologia, «Comunidade», de Luiz Pacheco, curiosamente o protótipo do escritor cínico e libertino.

Dele, aqui se deixam, e sem mais palavras, alguns excertos:

«[Estendo o pé e toco com o calcanhar numa bochecha de carne macia e morna; viro-me para o lado esquerdo, de costas para a luz do candeeiro, e bafeja-me um hálito calmo e suave; faço um gesto de acaso no escuro e a mão, involuntária tenaz de dedos, pulso, sangue latejante, descai-me sobre um seio morno ou nu ou numa cabecita de bebé, com um tufo de penugem preta no cocuruto da careca, a moleirinha latejante; respiramos na boca uns dos outros, trocamos pernas e braços, bafos, suor uns dos outros, uns pelos outros, tão aconchegados, tão embrulhados e enleados num mesmo calor como se as nossas veias e artérias transportassem o mesmo sangue girando, palpitassem compassadamente, silenciosamente, duma igual vivificante seiva.] ... [Somos gente pura: os mais novos não sabem o que é a promiscuidade, a minha rapariga se vir a palavra escrita deve achá-la muito comprida e custosa de soletrar; pro-mis-cui-da-de (pelo método João de Deus, em tipos normandos e cinzentos às risquinhas, até faz mal à vista!)] ... [E enquanto dormem a meu lado, eu olho-os e descrevo-os para os fazer mais meus, para que mos vejam como eu quero. Olho-os e estou vivo.] ... [Eis, senhores, porque saúdo a manhã e faço gosto em a ver inda uma vez, eis porque a pardalada me incita. E no riso do meu Paulocas uma leve ironia contente me desperta, babada em leite e ternura. Somos puros. Sabemos e cumprimos. Bem-aventurados somos e vós, também.

Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sereis, se as praticardes.]»

J. M. R. A.